



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

1.º BIMESTRE - 2014

LP8

GINÁSIO CARIOCA

ESCOLA MUNICIPAL: _____

NOME: _____ TURMA: _____

EDUARDO PAES
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

CLAUDIA COSTIN
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA HELENA DINIZ BOMENY
SUBSECRETARIA DE ENSINO

MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

ELISABETE GOMES BARBOSA ALVES
MARIA DE FÁTIMA CUNHA
COORDENADORIA TÉCNICA

GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR
ORGANIZAÇÃO

WELINGTON MARTINS MACHADO
ELABORAÇÃO

CARLA DA ROCHA FARIA
CATHARINA HARRIET BAPTISTA
REVISÃO

FÁBIO DA SILVA
MARCELO ALVES COELHO JÚNIOR
DESIGN GRÁFICO

EDIURO GRÁFICA E EDITORA LTDA.
EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO



museudainfancia.unesc.net

“A paisagem onde a gente brincou pela primeira vez não sai mais da gente.”
(Candido Portinari)

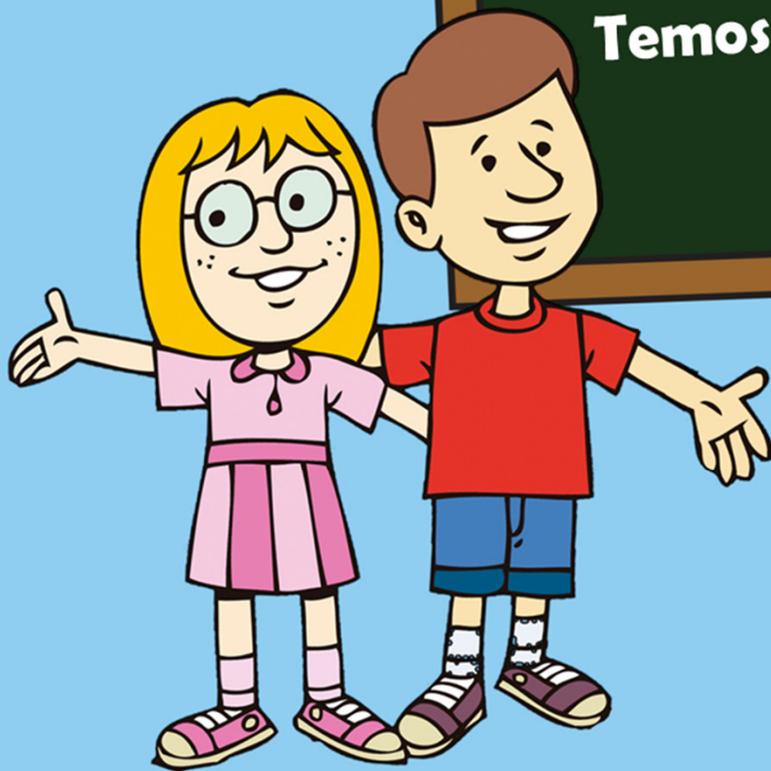
AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Elizangela Oliveira de Lima
Elizete Knippel
Fabiana Cristina de Lima Neves Alexandre
Liana Coutinho e Souza
Maria das Graças Gomes da Costa
Priscila Soares Monteiro
Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros
Simone Baptista Seguins Corrêa Pinto

Seja bem-vindo ao

8.º Ano!

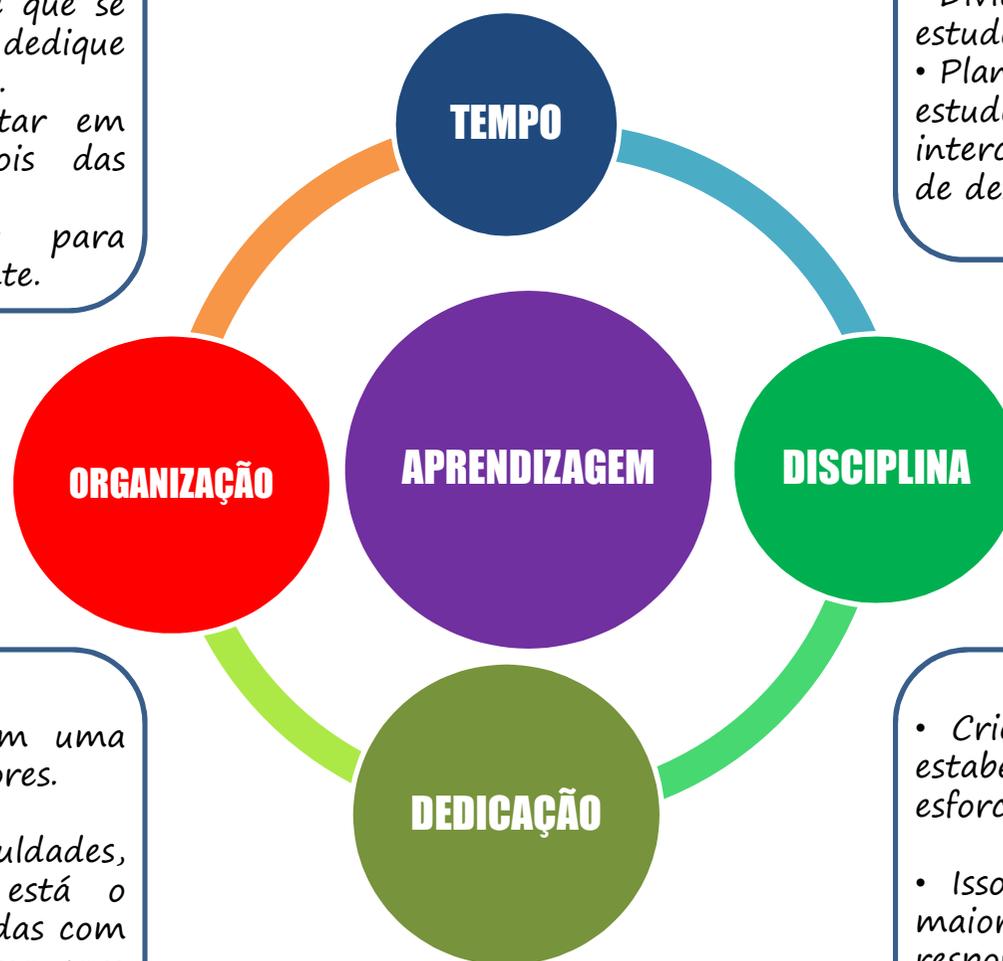
**Temos muitas novidades
para você!**



DICAS DE ESTUDO

- Tenha um espaço próprio para estudar. Nele, você poderá se organizar do seu jeito. O que importa é que se sinta confortável e dedique atenção aos seus estudos.
- O material deve estar em ordem, antes e depois das tarefas.
- Escolha um lugar para guardá-lo adequadamente.

- Estabeleça horário para seus estudos.
- Divida o tempo entre o estudo e as diversões.
- Planeje períodos de estudo, em etapas certas, intercaladas com períodos de descanso.



- Comece os estudos com uma revisão dos passos anteriores.
- Não esconda as dificuldades, pare e analise onde está o problema. Tire suas dúvidas com o seu professor ou mesmo com um colega.

- Crie hábitos de estudo, estabeleça prioridades e se esforce para cumpri-las.
- Isso fará com que adquira maior autonomia e responsabilidade em todas as áreas da sua vida.

Reverdo habilidades de leitura...



A crônica tem, como traço marcante, o olhar para o cotidiano. A vivência do cronista e suas observações sobre a vida, sobre fatos banais do dia a dia, são assuntos de uma crônica.

Leia a crônica a seguir. Observe que o narrador reflete sobre de uma situação cotidiana e fala de si mesmo a partir da observação do comportamento do outro.

EXCLUÍDA

A Ana me ligou no final da tarde de sexta: “E aí, você vem?” ←

Eu não fazia ideia sobre o que ela estava falando. Foi então que a Ana se deu conta de que eu não estava no Facebook, portanto, não sabia da festa que a turma havia armado. Como eu não havia me pronunciado, ela resolveu ligar para saber se eu estava viva.

O cerco está apertando. Antes eu trocava e-mails com os amigos com uma certa frequência, agora todos debandaram, só um ou outro lembra que eu não estou nas redes sociais e faz a caridade de me manter informada sobre o que acontece no universo.

[...] Instagram, twitter, whatsapp, nada disso me seduz, não conseguiria tempo para esse contato eletrizante. Ainda me custa compreender pessoas que deixam o iPhone sobre a mesa do restaurante, que precisam fotografar cada minuto vivido, que desmaiam quando esquecem o celular em casa. Eu deveria ter me alistado na expedição de colonização de Marte, onde certamente eu me sentiria menos deslocada do que aqui na Terra.

Mas não me alistei, então terei que me ajustar à nova ordem social do meu planeta.

Continua ▶

A crônica é como se fosse uma conversa do cronista com o leitor. A LINGUAGEM INFORMAL é marca da crônica. Observe a informalidade já no 1.º parágrafo. “**A Ana me ligou... E aí, você vem?**” As expressões em destaque deixam perceber que se trata de pessoas amigas.

✓ OBSERVE como a cronista faz uso de diferentes tempos verbais, de acordo com a situação que narra ou das reflexões que faz sobre a situação.

Nos **dois primeiros parágrafos**, narra algo já ocorrido, logo usa os verbos no **PASSADO**.

Observe que quando o cronista faz reflexões sobre a situação (**3.º, 4.º e 6.º parágrafos**, por exemplo), ele privilegia o uso dos verbos no **TEMPO PRESENTE**.

Óbvio que a tecnologia não é a vilã da história, e sim o uso obsessivo que se faz dela. Para quem tem autocontrole, esses gadgets são fascinantes por seu dinamismo, modernidade, capacidade de agregação, de agilização de tarefas, e ainda resolvem a questão do anonimato, com o qual ninguém mais quer lidar. As redes transformam palco e plateia numa coisa só: todos são espectadores de todos, ao mesmo tempo que possuem um holofote sobre si. Já que existir virou sinônimo de “quantos me curtem”, a população mundial conseguiu um jeito de ficar quite com o próprio ego.

✓ Observe o significado dos vocábulos que destacamos no 6.º parágrafo:

gadgets – termo utilizado para se referir a equipamentos ou dispositivos eletrônicos de uso cotidiano, com uma determinada função.

ego – o eu, a individualidade, a personalidade própria de cada pessoa. No texto “ficar quite com o próprio ego” seria a pessoa satisfazer o seu eu, a sua individualidade.

É muito provável que eu estivesse nas redes, caso não escrevesse colunas em jornais. Como tenho esse canal de expressão semanalmente, não me faz falta outros. Ou não fazia. Estou nesse impasse agora: devo mergulhar com mais profundidade no mundo virtual? Reconheço três vantagens: acompanhar o que meus amigos andam tramando [...], me atualizar com mais rapidez e oferecer aos meus leitores um perfil oficial. Além de me sentir menos mumificada.

Será isso que chamam de “se reinventar”?

Ando cada vez mais próxima da filosofia budista, exalto a desaceleração, prezo uma boa conversa, adoro ter tempo para meus livros, meu silêncio, minhas caminhadas. Não sinto falta de saber mais, de ter mais acesso à informação, de conhecer mais gente. Por outro lado, não quero me isolar dos amigos nem ficar sem assunto com eles – e com o mundo.

Que dúvida. Pela primeira vez reflito sobre algo que, numa era em que se debate tudo, pouco se fala: o nosso direito de ser indiferente.

MEDEIROS, Martha. Excluída. *Jornal de Santa Catarina*, 19 out. 2013.

Vamos aproveitar a crônica para, a partir de sua leitura, rever e ampliar algumas habilidades necessárias de leitura, se queremos nos tornar mais capazes de ler e entender criticamente os textos.

EFEITOS DE SENTIDO

Observe os seguintes trechos da crônica:

“ela resolveu ligar para saber se eu estava viva.” (2.º parágrafo)

“só um ou outro (...) faz a caridade de me manter informada sobre o que acontece no universo.” (3.º parágrafo)

“Eu deveria ter me alistado na expedição de colonização de Marte, onde certamente eu me sentiria menos deslocada do que aqui na Terra.” (4.º parágrafo)

Dá para perceber nesses trechos que a narradora, através de algumas expressões, faz uso do exagero para conseguir um efeito de sentido, não dá? Então, vamos pensar juntos. De acordo com o que a crônica aborda, que EFEITO DE SENTIDO o uso dessas palavras e expressões tem?

O efeito é o de intensificar a ideia de sentir-se fora, excluída da vida social, por não participar de redes sociais.

Um efeito de sentido colabora na construção do sentido do texto como um todo, daí a importância de perceber suas ocorrências em trechos de um texto. Ocorrem, por exemplo, por

✓ uso da pontuação – “E mesmo que voltasse (...) encontraria vivo aquele ser tão velhinho que mais parecia um antigo morto esquecido de partir?!...” (Lygia Fagundes Telles)

✓ destaque dado a uma palavra (tipos de letra, negrito, sinais...) – “Na verdade O AMOR É QUÍMICA!” (Profª Liria Alves)

✓ escolha de determinadas palavras ou expressões, explorando seus recursos expressivos (as figuras de linguagem, por exemplo; o uso de uma palavra no diminutivo ou no aumentativo...) - “Ele bebia um golinho de velhice.” (Guimarães Rosa)

✓ repetições, gradações, variações da forma de palavras ou da estrutura das frases, dos períodos, dos parágrafos... - “Reza reza o rio/córrego pro rio/ e o rio pro mar...” (Caetano Veloso)



AGORA, É COM VOCÊ !!!

1- Observe o seguinte trecho da crônica: “*não conseguiria tempo para esse contato eletrizante.*” (4.º parágrafo). Que efeito de sentido tem o uso da palavra em destaque para qualificar os contatos a distância (via Instagram, twitter, whatsapp, facebook...)?

2- Observe, agora, os trechos abaixo e diga o efeito de sentido que tem o uso das palavras em destaque.

a) “*Ainda me custa compreender pessoas(...) que desmaiam quando esquecem o celular em casa.*” (4.º parágrafo)

b) “*(...) existir virou sinônimo de ‘quantos me curtem’ (...)*” (6.º parágrafo)

c) “*Além de me sentir menos mumificada.*” (7.º parágrafo)

3- No trecho “Será isso que chamam de ‘se reinventar’?” (8.º parágrafo) que efeito de sentido tem o uso das aspas na expressão “se reinventar”? _____

FATO X OPINIÃO

Habilidade importante para a leitura crítica de um texto é a de saber distinguir o que seja um fato do que seja opinião sobre ele. Observe o trecho de uma possível narrativa:

Ana refletiu sobre a questão pela primeira vez e considerou que as redes sociais não são o melhor meio de encontrar os amigos.

O narrador conta um FATO: o fato de Ana ter refletido sobre a questão pela primeira vez e ter chegado a uma consideração sobre as redes sociais.

O narrador nos informa a OPINIÃO da personagem, o que ele considera a respeito do que refletiu: as redes sociais não são o melhor meio de encontrar os amigos.

Se alguém, em um texto, diz, por exemplo: *A bela amiga se alistou na importante expedição de colonização de Marte.* Temos:

- Uma amiga ter se alistado numa expedição é o FATO que se informa.
- Dizer que a amiga é bela e que a expedição é importante revela, nos dois casos, pontos de vista, OPINIÕES de quem o diz.

Na crônica **Excluída**, ao falar, no final, sobre o “**nosso direito de ser indiferente**” e de se sentir **excluída**, como indica no título, a cronista está expressando um ponto de vista dela, portanto uma OPINIÃO sobre o fato de não querer fazer parte de redes sociais.

1- Observe, agora, os trechos da crônica **Excluída**, transcritos a seguir. Pense sobre cada um deles: expressa um FATO ou uma OPINIÃO? Depois, preencha a coluna da direita de acordo com o que cada trecho expressa.

“A Ana me ligou no final da tarde de sexta (...)” - 1.º parágrafo	
“Óbvio que a tecnologia não é a vilã da história (...)” - 6.º parágrafo	
“Para quem tem autocontrole, esses gadgets são fascinantes(...)” - 6.º parágrafo	
“Reconheço três vantagens: (...)” - 7.º parágrafo	
“Pela primeira vez reflito sobre algo (...) que pouco se fala” - 10.º parágrafo	

O VALOR DOS ELEMENTOS DE COESÃO

Entre parágrafos, entre períodos ou entre orações de textos que lemos, podemos observar termos (palavras ou expressões) com a função de fazer a COESÃO (estabelecer relações lógicas) entre as ideias, expressando circunstâncias que as ligam.

Observe o exemplo retirado da crônica:

“É muito provável que eu estivesse nas redes, caso não escrevesse colunas em jornais. Como tenho esse canal de expressão semanalmente, não me faz falta outros. Ou não fazia. Estou nesse impasse agora (...)”

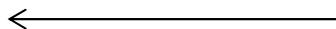
- *Observe que a narradora acha possível estar nas redes, mas estabelece uma CONDIÇÃO para isso acontecer.*
- *Observe também que ela afirma que não lhe faz falta outros canais de comunicação com as pessoas e cita um motivo, uma CAUSA para isso.*
- *Observe, ainda, que, no penúltimo período do trecho, ela faz uma ressalva, apresenta uma ALTERNATIVA ao que afirmou antes, por se encontrar num momento de impasse.*
- *No final, ocorre uma circunstância de TEMPO: “agora”.*

1- Com base nas observações feitas acima sobre os termos de COESÃO do trecho da crônica, releia o trecho e passe um traço sob o termo que estabelece a CONDIÇÃO, faça dois traços sob o que estabelece a CAUSA e circule o termo que apresenta a ALTERNATIVA.

2- Releia o texto da crônica e transcreva

- a) do 2.º parágrafo, o termo que expressa uma CONCLUSÃO e o que apresenta uma CAUSA . _____ e _____;
- b) do 3.º parágrafo, os termos que expressam circunstâncias de tempo passado e presente. _____ e _____;
- c) do 5.º parágrafo, o termo que expressa uma ADVERSIDADE e o que apresenta uma CONCLUSÃO. _____ e _____.

Leia o **belo** poema, a seguir.



ENSINAMENTO

Adélia Prado

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
"Coitado, até essa hora no serviço pesado".
Arrumou pão e café , deixou tacho no fogo com água
quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Arx, 1991.

1- No enunciado do texto **Ensino** há uma opinião. Que palavra expressa essa opinião? _____

DIC@

Palavras dessa classe gramatical costumam ser utilizadas para emitir opinião. Professor, sugerimos que aproveite o uso dos adjetivos por expressar opinião.

2- Há outros adjetivos no texto. Assinale alguns.

3- O estudo ser a coisa mais fina do mundo é um fato ou uma opinião? _____

4- Ao revelar o que a mãe achava sobre o estudo, o eu poético está se referindo a um fato ou está expressando sua opinião? _____

5- Que palavra, no verso 1, indica que o eu poético está se referindo a um modo de ver de sua mãe?

6- Em que versos aparecem opiniões do eu poético?

7- No poema, que duas diferentes opiniões se contrapõem?



Na crônica **Excluída**(primeiro texto do Caderno), lemos sobre o sentimento de exclusão, de ser ou de se sentir excluído de um grupo, por não compartilhar um mesmo modo de viver que é o da maioria.

Pense em outras situações cotidianas em que uma pessoa pode se sentir do mesmo jeito (excluída) e escreva um pequeno parágrafo, que poderia ser o início de uma crônica sobre o assunto, aproveitando para o título as palavras com que Martha Medeiros conclui sua crônica, só que num sentido oposto: O direito de ser **diferente**.

Lembre-se de que a linguagem deve ser informal, como se fosse uma conversa com o leitor.

O DIREITO DE SER DIFERENTE

Vamos, agora, ler outros textos, para exercitar outras habilidades de leitura.



Qual a finalidade desse cartaz?

Observe a imagem (linguagem não verbal) da criança com o rosto encoberto pelas pedras amontoadas que segura. A que **palavra** da mensagem verbal do cartaz o rosto encoberto da criança se relaciona?

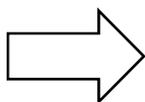
Observe o trecho da mensagem verbal do cartaz “Gestores municipais, mobilizem sua comunidade e digam NÃO a todas as formas de exploração do trabalho de crianças e adolescentes.”

Que efeito de sentido tem o destaque dado à palavra NÃO?

Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/cip/tag/trabalho-infantil>>.

ESPAÇO CRIAÇÃO

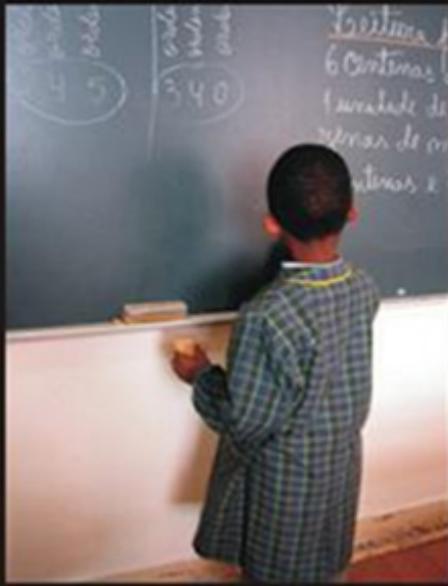
Observe o cartaz ao lado, feito de duas imagens (situações) que se relacionam e um slogan (**Não** ao trabalho infantil). Trata-se de um cartaz com a mesma finalidade do que nós vimos anteriormente. Escreva, no espaço em branco, uma mensagem verbal que relacione as duas situações e seja adequada à finalidade do cartaz.





Não ao
trabalho
infantil





Blank space for writing a message.

Adaptado - portal2.trtrio.gov.br

Arte de ser criança

No jardim de infância, em Belo Horizonte, nossas tarefas consistiam em sonhar, imaginar, colorir, desenhar, moldar em argila estranhas figuras, empilhar cubos de madeira que, sobrepostos, se transformavam em casas, pontes, prédios, castelos. Dispostos em linha reta, viravam ferrovias, carruagens, estradas. Em círculos, viravam arenas circenses, represas ou lagos.

Esse entrelaçar de tato, visão e imaginação organizava meu mundo interior. Bastavam uns poucos apetrechos para meus sentimentos encontrarem expressão nos objetos manipulados ou nas linhas de meus desenhos. [...] Os pássaros falam linguagens que só eles entendem; dragões, bruxas e duendes, que povoavam o meu imaginário, não eram pessoas como meus pais, nem coisas como os paralelepípedos que calçavam as ruas, e sim entidades espirituais [...] com as quais mantinha relações de temor, reverência e fascínio.

O melhor da infância é o mistério.

Os adultos devem manter-se à distância quando a criança se encontra mergulhada em seu universo onírico. [...] Se um adulto interfere, quebra-se o encanto.

Privar a criança do mergulho no mistério é amputá-la da infância. É mutilar o ser criança, para apressar, de modo cruel, a irrupção irreversível do adulto.

FREI BETTO. *REVISTA O GLOBO*, 11 nov. 2012.

Glossário:

irrupção - ato de irromper, aparecimento repentino ou súbito;

Irreversível – o que não se reverte, ou seja, não tem volta, não volta atrás.

onírico - relativo a sonhos.



1- Como eram manipulados os cubos de madeira, no jardim de infância lembrado no texto?

2- No início do 2.º parágrafo, “Esse entrelaçar de tato, visão e imaginação (...)”, a que o autor está se referindo?

3- No trecho do último parágrafo, “Privar a criança do mergulho no mistério é amputá-**la** da infância.”, a que se refere o termo “la” em destaque?

4- Transcreva do artigo uma opinião do autor sobre a infância.

Muitas vezes, deparamo-nos com diferentes tipos de textos, que tratam do mesmo assunto, com formas e abordagens diferentes. É preciso saber reconhecer as semelhanças e as diferenças entre eles. Leia os textos abaixo e perceba diferenças e semelhanças.

Texto 1



Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/cip/tag/trabalho-infantil>>.

Agora vamos relacionar os textos quanto à FORMA, à LINGUAGEM, ao ASSUNTO e à ABORDAGEM TEMÁTICA:

- ✓ Observe que o Texto 1 é um cartaz, estruturado em **linguagem mista** (verbal e não verbal), enquanto o Texto 2 é um artigo de opinião, uma prosa estruturada apenas em **linguagem verbal**.
- ✓ O assunto comum é a infância.
- ✓ A abordagem temática também é comum aos dois textos: o direito de ser criança, com a diferença de que, no Texto 1, a mensagem é centrada na exploração do trabalho infantil; já no Texto 2, o autor parte de lembranças de sua infância, da época do jardim de infância, para criticar interferências de adultos no mundo infantil, que apressam o processo natural de desenvolvimento da criança.

Habilidade:

Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que eles foram produzidos e daquelas em que serão recebidos.

Texto 2

Arte de ser criança

No jardim de infância, em Belo Horizonte, nossas tarefas consistiam em sonhar, imaginar, colorir, desenhar, moldar em argila estranhas figuras, empilhar cubos de madeira que, sobrepostos, se transformavam em casas, pontes, prédios, castelos. Dispostos em linha reta, viravam ferrovias, carruagens, estradas. Em círculos, viravam arenas circenses, represas ou lagos.

Esse entrelaçar de tato, visão e imaginação organizava meu mundo interior. Bastavam uns poucos apetrechos para meus sentimentos encontrarem expressão nos objetos manipulados ou nas linhas de meus desenhos. [...] Os pássaros falam linguagens que só eles entendem; dragões, bruxas e duendes, que povoavam o meu imaginário, não eram pessoas como meus pais, nem coisas como os paralelepípedos que calçavam as ruas, e sim entidades espirituais [...] com as quais mantinha relações de temor, reverência e fascínio.

O melhor da infância é o mistério.

Os adultos devem manter-se a distância quando a criança se encontra mergulhada em seu universo onírico. [...] Se um adulto interfere, quebra-se o encanto.

Privar a criança do mergulho no mistério é amputá-la da infância. É mutilar o ser criança, para apressar, de modo cruel, a irrupção irreversível do adulto.

FREI BETTO. REVISTA O GLOBO, 11 nov. 2012.

Texto 1

A química do amor

Você já ouviu esta frase: Rolou uma química entre nós! Será que existe mesmo uma explicação científica para o amor?

O sentimento não afeta só o nosso ego de forma figurada, mas está presente de forma mais concreta, produz reações visíveis em nosso corpo inteiro. [...]

Afinal, o amor tem algo a ver com a Química? Na verdade O AMOR É QUÍMICA! Todos os sintomas são causados por um fluxo de substâncias químicas fabricadas no corpo da pessoa apaixonada. Entre essas substâncias estão: adrenalina, noradrenalina, feniletilamina, dopamina, oxitocina, a serotonina e as endorfinas. Viu como são necessários vários hormônios para sentir aquela sensação maravilhosa quando se está amando?

ALVES, Líria. *A química do amor*. Disponível em: <brasile scola.com/quimica/a-quimica-amor.htm>

Agora, responda:

1- Qual é o assunto comum aos dois textos?

2- Que diferenças você percebe entre os textos?

a) Na FORMA

b) Na LINGUAGEM

c) Na ABORDAGEM TEMÁTICA

Habilidade:

Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que eles foram produzidos e daquelas em que serão recebidos.

Texto 2

Monte Castelo

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece

O amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria
[...]

Renato Russo, adapt. do Soneto XI, de Camões, e da epístola bíblica I Coríntios 13 LEGIÃO URBANA. *As quatro estações*. EMI-Odeon, 1995. 1 CD.

LENDO NAS ENTRELINHAS ...

IMPLÍCITO é o que não está expresso claramente, ou seja, não está dito com palavras ou com imagens da linguagem não verbal, em um texto, mas que depreendemos, que deduzimos do que lemos. Marcas que o texto apresenta permitem-nos chegar às informações pressupostas, **o que exige leitura do texto como um todo**. Dedução é a capacidade de “ler nas entrelinhas”. Reconhecer o que está IMPLÍCITO em um texto é habilidade de leitura que requer um exercício cuidadoso do olhar, da atenção e da reflexão. Isso que, sem estar explícito, você é capaz de deduzir, é o que chamamos de INFORMAÇÃO IMPLÍCITA em um texto.



DAHMER, André. *O GLOBO*. Rio de Janeiro, 17 maio 2013.

Observe, agora, a tirinha ao lado. Ao relacionar o amor à vaidade, no último quadrinho, deduzimos que, na opinião do personagem, a “forma mais sólida e verdadeira” de amor é o amor por si mesmo. Isso não aparece expresso claramente na sequência de quadrinhos, seja na linguagem verbal, seja na não verbal; vem implícito na palavra “vaidade”, usada pelo personagem no último quadrinho.

O surdo

O médico atende o paciente idoso e milionário, que estava usando um revolucionário aparelho de audição, e pergunta ao velhinho:

- E aí, seu Almeida, está gostando do aparelho?
- É muito bom.
- E a família gostou? - pergunta o médico.
- Não contei para ninguém ainda, mas já mudei meu testamento três vezes.

ALMEIDA, Fernando Afonso. *Cenas de linguagem através do humor*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_358.pdf>.

Exercitando a habilidade...

1- Na anedota ao lado, o **traço de humor** está em uma **informação implícita**. Observe as informações explícitas do texto e deduza por que seu Almeida não contou à família sobre o aparelho de audição que estava usando e mudou três vezes seu testamento. Escreva abaixo o que você deduziu.

Leia atentamente a tirinha a seguir.



WATTERSON, Bill. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin&Haroldo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.

2- O garoto da tirinha é o Calvin. Pelas marcas da linguagem verbal e não verbal do texto podemos perceber que Calvin é um menino irritado e desorganizado, que acha estranho que alguém guarde sua jaqueta em um armário.

a) O que, no texto, nos permite deduzir que ele é desorganizado?

b) Que marcas, no texto, nos permitem perceber que Calvin está irritado?



EDIURO. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 17mar. 2013.

3- As marcas da linguagem verbal e não verbal na sequência dos quadrinhos nos permitem entender que a personagem Gloss saiu frustrada porque _____

Habilidade:

Estabelecer relações entre as partes de um texto, identificando repetições e/ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.

Você pôde observar, no texto **Arte de ser criança**, (na página 16) de Frei Betto, ocorrências de relações e referências, em que repetições e substituições garantem a continuidade de um texto. Observe novamente:

✓ Em **“Esse entrelaçar de tato, visão e imaginação organizava meu mundo interior.”**, no 2.º parágrafo, a expressão em destaque é referência às tarefas a que as crianças se dedicavam no jardim de infância, como dito no parágrafo anterior. Ele escreve de um modo diferente, para não repetir o que já tinha escrito e, assim, evitar que o texto fique enfadonho, chato, como ficaria se ele repetisse: *As tarefas no jardim de infância organizavam meu mundo interior.*

Entendeu o recurso?

✓ No mesmo texto temos, no último parágrafo: *“Privar a criança do mergulho no mistério é amputá-la da infância.”* Neste trecho, o pronome “la”, destacado, refere-se à criança e evita, assim, a repetição.

Vamos exercitar um pouco?

1- Observe o seguinte período: *“Os meninos da cidade já estavam na praça, quando apareceram meninas, **cuja**s expectativas eram as mesmas: **elas** queriam se divertir, correr pela praça e conhecer pessoas novas; **aqueles** ficaram todo o tempo a olhar a tela de seus celulares e a digitar **neles** mensagens.”*

Tente identificar, neste período, a que se referem as palavras em destaque?

cuja(s) : _____

aqueles: _____

elas: _____

neles: _____

2- No texto **A química do amor**, (na página 17) que já lemos neste caderno, temos, nos dois parágrafos iniciais:

“Você já ouviu esta frase: Rolou uma química entre nós! Será que existe mesmo uma explicação científica para o amor?”

*O **sentimento** não afeta só o nosso ego de forma figurada, mas está presente de forma mais concreta, produz reações visíveis em nosso corpo inteiro.”*

a) A palavra em destaque se refere a _____

b) Por que a palavra foi usada no texto? _____

3- A que se referem as palavras destacadas nos trechos, a seguir, do primeiro texto deste Caderno, **Excluída**?

a) *“Eu deveria ter me alistado na expedição de colonização de Marte, **onde** certamente eu me sentiria menos deslocada do que aqui na Terra.”* _____

b) *“Antes eu trocava e-mails com os amigos (...), agora **todos** debandaram, só **um ou outro** lembra que não estou nas redes sociais (...)”*

Vamos continuar exercitando e desenvolvendo nossas habilidades de leitura?

Sobre sucatas

Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. Estranhei muito quando, mais tarde, precisei de morar na cidade. Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vira na Praça um homem montado num cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era uma faca, era uma espada. E que o homem era um herói da nossa história. Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói era um homem sentado num cavalo de pedra. Eles eram pessoas antigas da história que um dia defenderam a nossa Pátria. Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucata. Seriam sucata da história. Porque eu achava que uma vez no vento esses homens seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos. Eu me lembrava dos espantalhos vestidos com as minhas camisas. O mundo era um pedaço complicado para o menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca do brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.



museudainfancia.unesc.net



olhares.uol.com.br

1- Pela descrição que faz para a mãe do que vira na praça da cidade e pelas explicações que ela lhe dá, o que deduzimos que o menino viu? _____

2- No trecho “**Eles** eram pessoas antigas da história que um dia defenderam a nossa Pátria.”, a que se refere o vocábulo “Eles”, em destaque?

3- Pela leitura de todo o texto, além de perceber que se trata de lembranças do tempo de criança, ficamos sabendo de algumas informações sobre o narrador.

a) Onde o narrador passou a primeira parte de sua infância?

b) Que características de personalidade do narrador mais se revelam no texto?

4- Observe cada trecho abaixo. Trata-se de uma OPINIÃO ou de um FATO?

a) “(...) a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado.” _____

b) “Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucata.” _____



“A paisagem onde a gente brincou pela primeira vez não sai mais da gente.” (Candido Portinari)



Habilidade:

Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Alguns textos refletem situações de interação, ou seja, situações de comunicação entre as pessoas. Eles contêm variações que identificam o locutor e o interlocutor na situação de comunicação. Identificar essas marcas é importante habilidade de leitura para a compreensão do que se lê e nos ensina muito sobre a linguagem adequada a ser usada em nossas diferentes situações de comunicação. Você vai, a seguir, rever alguns conceitos e ler alguns textos que vão ajudá-lo no desenvolvimento dessa habilidade.

A língua e suas muitas linguagens

Como já vimos, neste caderno, os cronistas, por exemplo, fazem uso de uma linguagem simples, cotidiana, informal, que se assemelha a uma conversa, uma forma de se aproximar e de agradar ao seu leitor. Ao contrário desse uso informal da língua, temos um uso mais formal, que obedece com mais rigidez ao padrão gramatical. Temos, portanto:

LINGUAGEM FORMAL

A língua de acordo com a norma padrão, usada em comunicações mais formais, em solenidades, em discursos de autoridade, em comunicações entre empresas, em artigos especializados... A formalidade de certas situações de interação exige que se siga o padrão estabelecido pela gramática da Língua Portuguesa.

L
Í
N
G
U
A



LINGUAGEM INFORMAL

A língua usada com maior liberdade gramatical, língua da comunicação diária, usada em situações informais, em conversas, em bate-papos, em trocas mais cotidianas de informações... As diferentes formas que essa informalidade assume dependem dos diferentes grupos sociais e de seus objetivos, em situações de interação.

MARCAS DA INFORMALIDADE nos textos escritos

Uso de gírias – as gírias, as expressões criadas por grupos em suas conversas, são marcas da oralidade trazidas para a escrita.

Escrever como se fala – alguns textos escritos tentam traduzir o modo de falar mais informal. É o caso, por exemplo, de **tô** (para “estou”), de **tá** (para “estar” ou “está”), de **pra** (por “para”), de **né** (por “não é”)... Os exemplos são variados.

Linguagem coloquial digital – o uso informal da língua nos meios informatizados (computadores, telefones celulares...) tem marcas próprias, muitas vezes determinadas pelas características dos meios, pela velocidade, pela instantaneidade da situação de interação. Muito usada nas redes sociais da internet, nos torpedos e em outras mensagens digitais.

VARIAÇÕES NO USO DA LÍNGUA

Variante social – observada em formas de falar de diferentes grupos sociais.

Variante regional – em diferentes áreas de um mesmo estado, em diferentes regiões do País, fala-se a mesma Língua, mas com características bastante próprias. Há a dicção (sotaque), o uso de palavras ou expressões locais. Há um falar caipira, um falar gaúcho, um carioca, um nordestino, um mineiro...

Variante histórica – a língua evolui através do uso que fazemos dela. Isso vai deixando marcas. Modos de falar, expressões usadas por nossos antepassados caem em desuso, mas ficam registradas em textos escritos nos quais se percebem as marcas do tempo.

1- A partir dessas observações sobre as muitas linguagens que cabem em nossa Língua, observe os textos a seguir e identifique em cada um marca(s) característica(s) do uso da língua. Comente as variações nesse uso.

a) **LISBOA AVENTURAS**

tomei um expresso
cheguei de foguete
subi num bonde
desci de um elétrico
pedi cafezinho
serviram-me uma bica
quis comprar meias
só vendiam peúgas
fui dar à descarga
disparei um autoclisma
gritei “ó cara!”
responderam-me “ó pá!”
positivamente
as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá

PAES, José Paulo. *Melhores poemas*. São Paulo: Gaudi Editorial, 2008

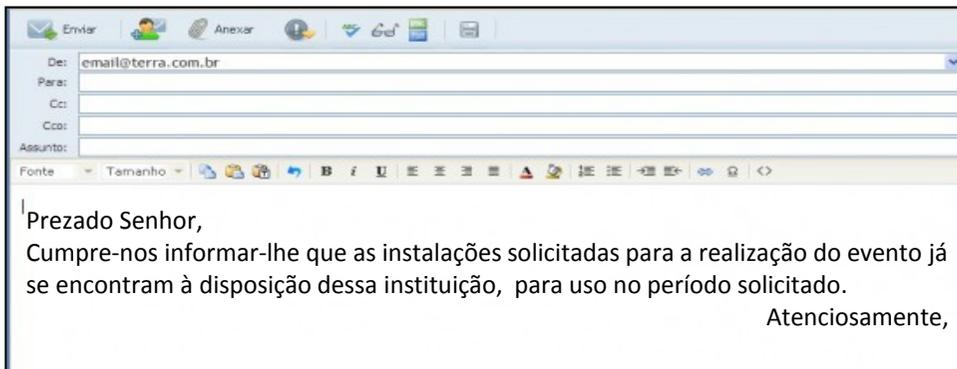
b)



c) “Antigamente as moças chamavam-se ‘mademoiselles’ e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia.”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. *Antigamente*. (Fragmento.)

d)



e)

Vício na fala

- Para dizerem milho dizem mio
- Para melhor dizem mió
- Para pior pió
- Para telha dizem teia
- Para telhado dizem teiado
- E vão fazendo telhados.

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

Conheça um pouco mais sobre linguagem formal e informal, gíria e variantes linguísticas, acessando http://www.educopedia.com.br/Cadastros/Atividade/Visualizar.aspx?pgn_id=110530&tipo=2&pgant=v
<http://www.escolakids.com/aprendendo-sobre-linguagem-formal-e-linguagem-informal.htm>

*A língua falada ou escrita com que nos comunicamos é como a roupa que vestimos, uma linguagem. Tem roupa para ficar em casa, roupa para ir à praça encontrar amigos, roupa para ir à escola, roupa para ir trabalhar, roupa para ir a uma festa descontraída, roupa para comparecer a uma solenidade... Quer dizer: a **situação de interação social** determina a roupa adequada que devemos vestir, a linguagem que devemos usar...*

A forma adequada de usar a Língua Portuguesa, que nos é comum, também depende de cada situação de interação.

Leia esta história, contada com humor e graça e que tem como tema a adequação do uso da língua a diferentes situações de interação.

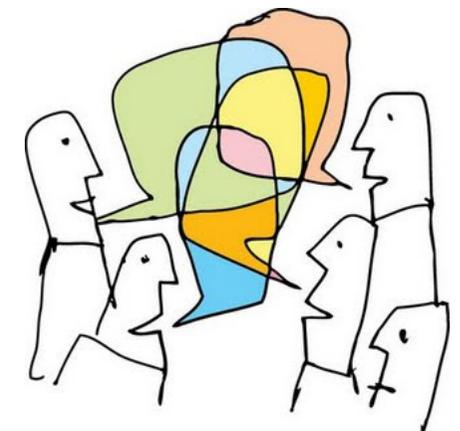
Papos

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é “disseram-me”. Não “me disseram”.
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é “digo-te”?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O “te” e o “você” não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
- Partir-te a cara.
- Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.
- É para o seu bem.

Continua ►

Papos (continuação)

- Dispenso suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?
- Eu só estava querendo...
- Pois esqueça-o e para-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado...
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como “esquece”? Você prefere falar errado? E o certo é “esquece” ou “esqueça”? Ilumine-me. Me diga. Ensines-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dás. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por quê?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.



1- A “confusão”, logo no início da conversa, ocorre por uma questão de diferentes modos de falar. Já aprendemos que esses diferentes modos de usar a língua dependem _____

2- Observe que várias falas do diálogo entre os personagens terminam com reticências (...).

a) Com que função foram usadas?

b) Que efeito de sentido tem esse uso repetido das reticências do texto?

3- O problema de comunicação no “papo” entre os dois amigos se deu pela atitude daquele que queria usar a língua com maior liberdade gramatical ou daquele que exigia que conversassem obedecendo a um padrão gramatical? Explique sua resposta.

FIQUE LIGADO!!!

A linguagem verbal, usada nos textos de língua escrita ou falada, deve cumprir a função desses textos, ou seja, alcançar a finalidade para as quais os textos são produzidos. Em uma carta ou “e-mail” (mensagem eletrônica) a uma autoridade, por exemplo, não se usa a mesma linguagem que usamos quando nos dirigimos a um familiar ou a um amigo. Em um poema, por exemplo, a linguagem é a poética; em uma notícia, a linguagem deve ser mais objetiva; em um bate-papo com amigos, a linguagem é informal... E assim vamos nos comunicando, fazendo-nos entender.

A Língua Portuguesa é comum a todos os brasileiros e deve ser usada com adequação, em função da melhor comunicação entre as pessoas e da situação de interação em que estejamos envolvidos.

Vamos retomar, aqui, *um gênero textual que esteve presente no início do caderno: a CRÔNICA. Vamos ampliar o conhecimento sobre o gênero e aproveitar para exercitar as habilidades anteriormente revistas e outras habilidades que a leitura dos textos exigirem, conforme apresentado na carta dirigida a você, aluno/a.*

Por que CRÔNICA?

Porque, em geral, sai publicada em jornais, em revistas, em blogs, que são publicações diárias, semanais ou mensais, ou seja, que obedecem a uma periodicidade de **tempo**. A palavra CRÔNICA tem sua origem em **khronos**, vocábulo grego que significa tempo.



img.jus.br

Por que CRÔNICA DO COTIDIANO?

Porque, em geral, tem como tema um acontecimento da atualidade, um fato do dia a dia ou situações comuns na vida. A crônica funciona como um comentário aos “fatos da vida”. O modo de o cronista comentar (através de uma história que ele narra, de uma opinião ou de uma análise objetiva, com um olhar humorístico, poético ou mais reflexivo) é que vai caracterizar a crônica como **narrativa, lírica, argumentativa...**

O ESPÍRITO DA CRÔNICA

Leia a seguir dois incícios de crônicas, escritas por dois de nossos maiores cronistas e que o ajudarão a entender um pouco mais sobre o que seja “o espírito da crônica”.

O NASCIMENTO DA CRÔNICA

Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, [...] Está começada a crônica. [...]

ASSIS, Machado de. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Editora Ática, 1994.



1- Nesse início, o cronista fala sobre a arte de escrever crônicas a partir de trivialidades, ou seja, de assuntos comuns, banais, do conhecimento de todos. De que fato cotidiano ele diz que uma crônica pode partir? _____

MEU IDEAL SERIA ESCREVER...

Rubem Braga

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “ai meu Deus, que história mais engraçada!” [...]

BRAGA, Rubem. *A traição das elegantes*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967.



2- Nesse início, o cronista se mostra preocupado em escrever histórias de um modo leve, engraçado, que cativa o leitor. Que “fato da vida” ele tomaria como ponto de partida para a sua crônica?



Você vai ler, a seguir, uma crônica de Fernando Sabino, um mestre na arte de escrever crônicas. Ao lado, algumas observações e questões que ajudam a perceber o passo a passo do cronista ao escrever sua crônica.

Passo a passo da crônica



A ÚLTIMA CRÔNICA

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade, estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Continua ▶

Observe o **TÍTULO** que o cronista deu a sua crônica. Leia a crônica. Depois, responda: Você acha que o título foi bem escolhido? Justifique sua opinião.

A FIGURA DO NARRADOR

No 1.º parágrafo, parágrafo de introdução, percebe-se que o cronista fala dele mesmo, ou seja, ele se coloca como **narrador** que participa da situação inicial. Que palavras, no 1.º parágrafo, nos permitem perceber isso?

ONDE? QUANDO?

No 1.º parágrafo também se antecipam o **espaço e o tempo**, ou seja, o local e o momento da cena. Onde e quando se passa?

METALINGUAGEM

No 2.º parágrafo, observa-se que o narrador fala um pouco sobre a arte de escrever crônica, sobre a busca dos assuntos que, na sua opinião, merecem uma crônica. Quando, em um texto, fala-se sobre a própria arte de escrever um texto dizemos que se fez uso da **metalinguagem**.

Parece que o cronista já descobriu o assunto que merece uma crônica. Leia a continuação da crônica.

A ÚLTIMA CRÔNICA (continuação)

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa a um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

Continua▶

*Vamos, na próxima página, continuar seguindo o passo a passo da construção da crônica até aqui.
Depois vem a continuação, com o final da crônica*

Passo a passo da crônica

QUEM? O QUÊ?

No 3.º parágrafo, ele apresenta os personagens (**Quem?**) da cena que ele observa e que vai ser o assunto (**O quê?**) que, na sua opinião, merece uma crônica. Quem são os personagens?

Observe as palavras que usa para se referir aos pais como “um casal de pretos” e à filhinha deles como “negrinha”. São palavras que, em determinadas contextos, podem revelar um olhar preconceituoso. Não é o que acontece no contexto dessa crônica, em que o narrador dirige um olhar de respeito, de admiração e de carinho aos personagens e à cena que protagonizam.

Transcreva do 3.º parágrafo trechos que expressam admiração e respeito pelo casal e carinho pela menina.

A partir do 4.º parágrafo, o narrador passa a registrar a sequência de ações da cena que observou. Numere os parênteses de acordo com a ordem em que as ações são apresentadas.

- A mulher mostra-se intranquila. ()
- O garçom leva o pratinho com bolo e a garrafa de Coca-Cola e os coloca à frente da menina. ()
- O garçom, depois de ouvir o pedido, afasta-se para comandar o pedido junto ao homem atrás do balcão. ()
- A menina aguarda algo, antes de começar a comer. ()
- O pai assegura-se de que tem como pagar o que vai encomendar ao garçom. ()

O cronista vai descobrir por que a menina não começa a comer. Leia o final da crônica.

A ÚLTIMA CRÔNICA (final)

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

SABINO, Fernando. *A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Record, 1965.

Passo a passo da crônica

No parágrafo anterior, o narrador se pergunta, observando a menina: "Por que não começa a comer?" Neste parágrafo, ficamos sabendo o porquê. O que ela aguardava?

Após a comemoração, o pai, satisfeito, olha em volta para saber se alguém observava a cena. O que causou no pai um constrangimento inicial?

Transcreva o trecho em que o pai se mostra aos olhos do único observador, orgulhoso da comemoração em família.

No **desfecho** da crônica (parágrafo final), o narrador volta a fazer referência ao verso do poema de Manuel Bandeira e revela o motivo que o levou a utilizar a cena observada como assunto de sua crônica. O que motivou o cronista?

FIQUE LIGADO!!!

INTERTEXTUALIDADE

No 2.º parágrafo, o cronista diz: "Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: 'assim eu queria o meu último poema'." Ele está fazendo referência ao poema de Manuel Bandeira, **O último poema**. Leia o poema de Manuel Bandeira, na página seguinte.

INTERTEXTUALIDADE

Ao recurso de um texto fazer referência a outro texto chamamos de intertextualidade.

Leia abaixo o poema que apresenta o verso a que o narrador faz referência, no segundo parágrafo da crônica de Fernando Sabino, **A última crônica**, que acabamos de ler.

O último poema *(Manuel Bandeira)*

Assim eu queria meu último poema

Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais

Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas

Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume

A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos

A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.



omni.com.br

Fernando Sabino



revistaeepoca.globo.com

Manuel Bandeira

FIQUE LIGADO!!!

INSERIDO NO CONTEXTO

*Na crônica de Fernando Sabino, que você acabou de ler, percebe-se nas palavras utilizadas pelo narrador que, a partir do momento em que a família chega ao botequim para comemorar o aniversário da filhinha, ele observa pai, mãe e filha com um olhar de admiração, de respeito, de carinho. São palavras que formam o **contexto da crônica** e que devem ser entendidas dentro desse contexto. Somente o contexto permite entender que termos com que o narrador se refere aos personagens (**casal de pretos, negrinha**), como se lê no 3.º parágrafo, foram usados sem qualquer carga de preconceito.*

CONTEXTO é a relação entre o texto e a situação a partir da qual ele se produziu. As circunstâncias em que se produz a mensagem é que permitem sua correta compreensão.



MULTIRIO

A seguir, você vai ler uma crônica cujo tema é justamente a importância do CONTEXTO.



tudoemdia.com

Assista ao vídeo da MultiRio sobre a importância do contexto.

Link: <http://www.youtube.com/watch?v=XMyeHYfHzm8&feature=related>

Martha Medeiros publica crônicas semanalmente em uma revista. Seu assunto dessa vez são as colunas “frases da semana”, que os jornais e revistas costumam publicar, e o risco de ler essas frases tiradas de seus contextos.



Martha Medeiros

Fora do contexto

A grande maioria de jornais e revistas traz hoje uma seção que é das mais populares: traz as frases destacadas de políticos, artistas, empresários e demais notáveis. A pessoa deu uma longa entrevista e dela é pinçada uma pequena declaração ao que vai para o rol das “frases da semana”. Quem não lê? Todo mundo lê e curte.

Algumas frases são fortes, outras divertidas, há as ridículas, as burras, as geniais. Mas todas, absolutamente todas, correm o risco de estarem descaracterizadas. Porque aquilo que é subtraído do contexto ganha projeção, para o bem ou para o mal. E isso, por si só, é uma forma sutil de manipular o leitor.

Em tudo há um contexto. No seu pedido de demissão, na sua defesa dos animais, na sua confissão para o padre, no seu desabafo para o analista, na sua briga de casal, na sua campanha política, até na escolha da roupa que você vai vestir pela manhã.

Cada atitude, cada escolha, cada argumentação, cada lamúria está vinculada a uma série de outras coisas que orbitam em volta do assunto principal. Não existe “não vem ao caso”: Tudo vem ao caso.

A namorada, depois de aprontar muito, diz que você é o homem da vida dela. Essa frase, sozinha, reconstitui relações, mas e o contexto todo, onde fica? Seu chefe considera você um ingrato por desligar-se da empresa de uma hora para a outra, mas e a quantidade de sapos que você engoliu por meses, não explica? Você é considerado um sequelado por descer pelo elevador do prédio de calça laranja, camiseta pink, jaqueta roxa e óculos de lentes verdes, mas alguém levará em consideração que você é um artista performático? Você diz para o analista que seu pai a odeia, e o analista precisa acreditar em você, mas jamais lhe dará alta até que descubra o contexto. O contexto é soberano, o contexto é revelador, o contexto não pode ser ignorado, assim na vida, assim na imprensa.

Continua ▶

Hoje em dia, desconfio muito do que é publicado entre aspas na abertura de matérias, as tais declarações explosivas que só são explosivas até que se leia a reportagem toda. Há quem corte frases no meio, publicando em manchete apenas aquilo que fará com que o entrevistado pareça alguém sem papas na língua, e assim estará garantida a reprodução da sentença em vários outros veículos. Recentemente, li a declaração de uma atriz sobre sua separação, e eu, que nem a conheço, me senti solidária a ela, que visivelmente foi vítima de uma dessas edições mal-intencionadas. Ou assim me pareceu – posso também estar confiando mais do que devo no ser humano.



“Porque aquilo que é subtraído do contexto ganha projeção, para o bem ou para o mal. E isso, por si só, é uma forma sutil de manipular o leitor.”



Como destacar uma ironia sem contextualizá-la? A ironia soará grosseira. E aquele que ao ser entrevistado para a tevê estava visivelmente brincando, mas que por escrito pareceu estar falando sério? E o comentário dito no entusiasmo do momento, sem compromisso, que ganha ares de profetização? Falou, imprimiu, já era.

Explicar o contexto exige tempo, exige dedicação, exige compromisso, e está tudo em falta: tempo, dedicação, compromisso. Quer-se o bombástico de deglutição fácil. Quer-se o vexame público, o mico, a constatação constrangedora, a genialidade de pronta-entrega, quer-se o impacto imediato, sem olhar para os lados. O contexto são os lados ignorados.

Eu leio essas "frases da semana", você também lê. Mas, na falta da contextualização, não percamos o critério. Acreditemos com um olho fechado e outro bem arregalado.

Adaptado. MEDEIROS, Martha. Fora do contexto. O GLOBO, Rio de Janeiro, 23 set. 2012. Revista de Domingo.

1- De acordo com o 2.º parágrafo, que **consequência** pode ter o fato de se publicarem, separadas de seus contextos, frases ditas pelas pessoas em entrevistas ou depoimentos mais longos?

2- Transcreva do 2.º parágrafo a expressão usada pela cronista para significar que algo, retirado de seu contexto, pode ser entendido **de forma positiva ou de forma negativa**.

3- Observe, no final do 4.º parágrafo, a expressão escrita, entre aspas, “não vem ao caso”.

a) Com que significado a expressão é usada?

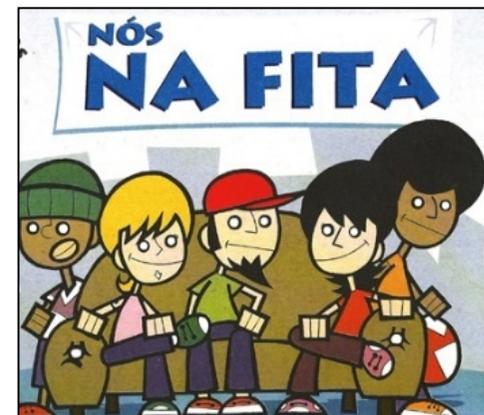
b) Que função têm **as aspas** nesse uso?

4- Observe, no 5.º parágrafo, as **expressões em destaque** usadas pela cronista. São “**gírias**”, expressões próprias **da linguagem informal**. De acordo com cada contexto, que significado tem cada uma delas?

a) “A namorada, depois de **aprontar** muito...”

b) “...mas e a quantidade de **sapos** que você engoliu... ?”

c) “Você é considerado um **sequelado**...”



5- Procure, na crônica, outras expressões desse tipo (gírias), próprias da linguagem informal, e transcreva-as.

6- Ainda no 5.º parágrafo, a cronista faz uso de alguns exemplos para falar da importância do contexto em algumas situações.

Indique a que contexto ela se refere em cada exemplo.

a) Quando a namorada diz que alguém é o homem da vida dela.

b) O chefe considerar ingrata a atitude do funcionário.

c) O rapaz que sai de casa vestido de forma extravagante.

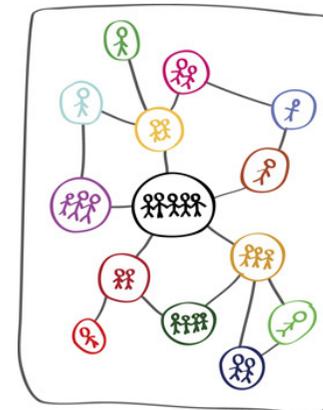
d) A cliente que diz ao analista que o pai a odeia.

7- No 6.º parágrafo, a cronista afirma que desconfia muito “do que é publicado entre aspas na abertura de algumas matérias”. Na própria publicação de sua crônica, há um exemplo disso de que ela desconfia. Transcreva-o.

8- De acordo com o penúltimo parágrafo, qual a possível causa para a ocorrência dessas situações em que não se leva em conta o contexto?

9- Nesse penúltimo parágrafo da crônica, há uma definição da cronista para o que seja contexto. Transcreva-a.

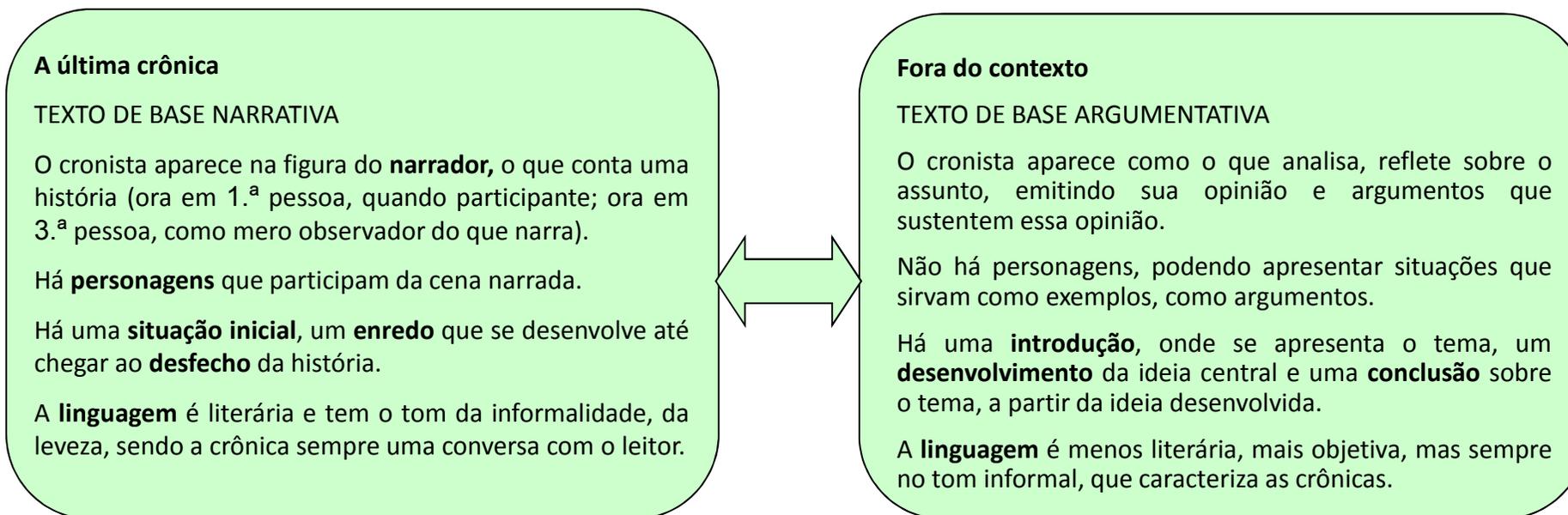
10- Transcreva do final da crônica o trecho que expressa a opinião de que devemos sempre desconfiar do que lemos nas frases soltas, descontextualizadas.



A crônica que você acabou de ler é um exemplo do que chamamos **crônica de opinião** ou **crônica argumentativa**, um texto em que o cronista aborda um assunto da atualidade, do dia a dia, expressando uma opinião sobre ele, usando argumentos com que defende sua opinião e, assim, propondo ao leitor uma reflexão sobre o assunto.

A crônica anterior a essa, **A última crônica**, de Fernando Sabino, é um exemplo de **crônica narrativa**, em que o cronista aborda o assunto através de uma história, real ou fictícia, narrada na crônica.

Leia os quadros abaixo, em que se comparam as duas crônicas.



Saiba um pouco mais sobre “crônica narrativa”.

Muito frequentemente o cronista, para se referir a acontecimentos cotidianos, conta uma história. Uma notícia de jornal, por exemplo, pode dar origem a uma bela ficção. É quando a crônica mostra semelhança com a estrutura de um conto. Como o conto, a crônica narrativa tem **título**, **personagens**, com um **enredo** que se organiza e se desenvolve em torno de um só núcleo, de um única situação, de um único problema – **o conflito gerador** – apresentando um ponto de máxima tensão – **o clímax** – e uma conclusão – **o desfecho**.

Moacyr Scliar escreveu algumas de suas crônicas a partir de anúncios, manchetes ou notícias que chamavam sua atenção nos jornais.

Ao lado, no passo a passo da produção escrita, você poderá observar aspectos da estrutura da crônica e os elementos característicos da narrativa.

Passo a passo da crônica



O AMOR RECICLADO

Telefone celular se transforma em flor: o aparelho ecológico é fabricado a partir de polímeros biodegradáveis. Na composição do celular os fabricantes também inserem uma semente de flor, que germinará quando o usuário decidir reciclar seu celular, plantando-o na terra. (Folha de São Paulo, 30/11/2005)

Como presente de fim de ano, a namorada, entusiasta defensora da ecologia, deu-lhe um celular biodegradável. [...] um aparelho especial, feito de um plástico que, decompondo-se, não poluiria a natureza. E, detalhe poético, havia ali uma semente de flor que germinaria quando o aparelho fosse jogado à terra.

Ele agradeceu muito [...] A namorada, contudo, fez uma exigência: ele só poderia usar o celular em chamadas para ela. [...] Com o que ele concordou. O aparelho daria testemunho do amor deles, amor que, achava, seria eterno.

Estava enganado. Dois meses depois ela ligou, de uma cidade distante. Pelo celular biodegradável ele ouviu a notícia que o deixou arrasado: na viagem, ela conhecera um rapaz, adepto, como ela, da ecologia, e se apaixonara. Você entende, ela explicou, tudo na vida tem de ser reciclado, inclusive o amor [...]

Continua ▶

Observe o **TÍTULO**. Lida a crônica, volte ao título e diga se o achou bem escolhido ou não, justificando sua opinião.

Aqui, o cronista transcreve a notícia a partir da qual escreverá sua narrativa. Essa parte que introduz o texto propriamente dito, como um comentário ao texto, chama-se **EPÍGRAFE**. **Nem sempre se faz uso da epígrafe.**

Aqui, a **SITUAÇÃO INICIAL** – A namorada presenteia o namorado com um celular biodegradável.
a) Em que época ocorre? _____
b) Que personagens você identifica? _____

Aqui, o **CONFLITO GERADOR** ou a **COMPLICAÇÃO** da situação – a namorada faz uma exigência de que o namorado só use o celular para falar com ela.

Aqui, o **DESENVOLVIMENTO DO CONFLITO** – A namorada liga para o celular biodegradável do namorado, para romper o namoro com ele.

a) Que expressão de tempo marca o tempo decorrido entre a situação inicial e o rompimento do namoro? _____

b) Que consequência a notícia teve para o rapaz? _____

c) Que explicação ela deu para que ele entendesse a mudança ocorrida? _____

No passo a passo você vai poder observar como foram organizados os ELEMENTOS QUE ESTRUTURAM A NARRATIVA.

O AMOR RECICLADO (continuação)

Furioso, ele atirou o celular pela janela da casa. Nunca mais queria ouvir falar daquela coisa. Nunca mais queria ouvir falar da infiel namorada. Era uma página virada de sua vida. Algo que pretendia esquecer e da forma mais completa possível. [...]

Mas aí aconteceu o imprevisto. No jardim de sua casa brotou uma flor. O que, num primeiro momento, deixou-o intrigado. Só ele cuidava daquele jardim e não se lembrava de ter plantado coisa alguma recentemente. De súbito deu-se conta: era a semente que estava no celular biodegradável. Era o passado que voltava sob a forma de uma flor.

Que, curiosamente, tem um perfume parecido ao da antiga namorada. Mais: quando ele está junto à flor – e sempre que ele pode está junto à flor – parece-lhe ouvir a voz dela sussurrando-lhe doces palavras de paixão. E dizendo que tudo na vida pode ser reciclado. Inclusive o amor.

SCLIAR, Moacyr. *Histórias que os jornais não contam*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.



infocscala.com

Aqui, ainda, o **DESENVOLVIMENTO DO CONFLITO** – As atitudes do rapaz e a decisão que ele toma a respeito da ex-namorada.

a) Qual a primeira atitude do rapaz, arrasado ao receber a notícia?

b) Que decisão ele toma?

Aqui, o **CLÍMAX**, o momento de maior tensão da história – O rapaz descobre que a flor em seu jardim vinha da semente de seu celular biodegradável. Localize em outro parágrafo e transcreva da crônica

a) o trecho que faz referência à semente como característica daquele celular. _____

b) o trecho que explica o fato de a semente ter brotado no jardim da casa do rapaz. _____

c) as duas expressões do 5.º parágrafo que indicam momentos em que ocorrem mudanças de situação. _____

O último parágrafo contém o **DESFECHO** da crônica. Através da flor, o rapaz relembra sua antiga namorada.

a) Ao procurar estar sempre junto da flor, para sentir nela o perfume da ex-namorada e para lembrar de sua voz e das coisas que lhe disse na época de namoro, o que o rapaz descobre? _____

O tempo na narrativa - Observe as formas verbais em cada parágrafo da crônica. Em que parágrafo o narrador fala do tempo presente, de algo que ocorre no momento em que está narrando? _____

Antes de lermos uma outra crônica narrativa...

Observe os quadros dos ELEMENTOS BÁSICOS EM UM TEXTO DE BASE NARRATIVA e o de DESENVOLVIMENTO DO ENREDO.

Personagem	Tempo	Espaço	Ação	Narrador
<u>Quem?</u>	<u>Quando?</u>	<u>Onde?</u>	<u>O quê?</u>	<u>Quem conta a história?</u>
Protagonista(s) Antagonista(s) Coadjuvante(s)	Tempo em que ocorre a narrativa	Local/locais onde ocorrem os fatos narrados.	Que fato(s) é (são) narrado(s) e como se desenrola(m).	Narrador participante (em 1. ^a pessoa) ou observador (em 3. ^a pessoa).

Situação inicial	Complicação ou conflito gerador	Clímax	Desfecho
Situação de equilíbrio.	Complicação da situação, motivo que desencadeia a história.	Momento de maior tensão na história.	Resolução do conflito e final da narrativa.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS QUE AJUDAM A ENTENDER O GÊNERO CRÔNICA

Assunto/tema - A crônica é um comentário leve e breve sobre assuntos comuns, os fatos do dia a dia, os problemas cotidianos das pessoas, da vida, da cidade, do país e mesmo do mundo.

Abordagem - A crônica apresenta diferenças no modo de abordagem e na linguagem. Há crônicas mais narrativas ou mais descritivas, mais líricas ou mais humorísticas, mais reflexivas ou mais emocionais.

Finalidade - A finalidade da crônica é agradar aos leitores, falando de assuntos significativos para eles, em uma linguagem que lhes seja próxima.

Linguagem - As crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, como se fossem uma conversa com o leitor.

O lirismo e o humor são características bastante presentes nas crônicas.



Você vai ler a seguir uma outra crônica narrativa de Moacyr Scliar. Essa também conta uma história imaginada a partir de uma notícia de jornal (observe a manchete, na epígrafe) que tem também estrutura e elementos parecidos com os de um conto. Leia.

SITUAÇÃO INICIAL

O FUTEBOL E A MATEMÁTICA ←

“Modelo matemático prevê gols no futebol.” (Mundo, 23 mar.1999) ←

→ O técnico reuniu o time dois dias antes da partida com o tradicional adversário. Tinha uma importante comunicação a fazer.

– Meus amigos, hoje começa uma nova fase na vida do nosso clube. Até agora, cada um jogava o futebol que sabia. Eu ensinava alguma coisa, é verdade, mas a gente se guiava mesmo era pelo instinto. Isso acabou. Graças a um dos nossos diretores, que é um cara avançado e sabe das coisas, nós vamos jogar de maneira completamente diferente. Nós vamos jogar de maneira científica.

Abriu uma pasta e de lá tirou uma série de tabelas e gráficos feitos em computador.

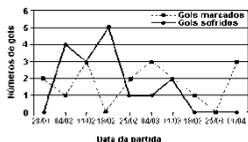
– Sabem o que é isso? É o modelo matemático para o nosso jogo. Foi feito com base em todas as partidas que jogamos contra o nosso adversário, desde 1923. Está tudo aqui, cientificamente analisado. E está aqui também a previsão para a nossa próxima partida. Eles provaram estatisticamente que o adversário vai marcar um gol aos 12 minutos do primeiro tempo. Nós vamos empatar aos 24 minutos do segundo tempo e vamos marcar o gol da vitória aos 43 minutos. Portanto, não percam a calma. Esperem pelo segundo tempo. É aí que vamos ganhar.

TÍTULO

EPÍGRAFE

Às vezes, um autor faz uso da **epígrafe**, que é esta parte, anterior ao início de um texto, em que se cita um outro texto. Aqui, faz-se referência à notícia sobre a qual se baseia a crônica. APARECE APENAS EM ALGUNS TEXTOS.

Continua▶



Antes de virar a página para continuar a leitura da crônica, tente imaginar: que inesperado terá acontecido?



revistapress.com.br

Moacyr Scliar

O FUTEBOL E A MATEMÁTICA (continuação)

Os jogadores se olharam, perplexos. Mas ciência é ciência; tudo o que eles tinham a fazer era jogar de acordo com o modelo matemático.

Veio o grande dia. Estádio lotado, começou a partida, e, tal como o previsto, o adversário fez um gol aos 12 minutos. E aí sucedeu o inesperado.

COMPLICAÇÃO OU CONFLITO GERADOR

→ Um jogador chamado Fuinha, um rapaz magrinho, novo no time, pegou a bola, invadiu a área, chutou forte e empatou. Cinco minutos depois, fez mais um gol. E outro. E outro... O jogo terminou com o marcador de 7 a 1, um escore nunca registrado na história dos dois times.

Todos se cumprimentavam, felizes. Só o técnico não estava muito satisfeito.

CLÍMAX

→ – Gostei muito de sua atuação, Fuinha, mas você não me obedeceu. Por que não seguiu o modelo matemático?

O rapaz fez uma cara triste:

– Ah, seu Osvaldo, eu nunca fui muito bom nessa tal de matemática. Aliás, foi por isso que o meu pai me tirou do colégio e me mandou jogar futebol. Se eu soubesse fazer contas, não estaria aqui jogando para o senhor.

DESFECHO

→ O técnico suspirou. Acabara de concluir: uma coisa é o modelo matemático. Outra coisa é a vida propriamente dita, nela incluída o futebol.

SCLIAR, Moacyr. *O imaginário cotidiano*. São Paulo: Global, 2002.



1- **Quem** são os personagens da crônica?

2- **O que** acontece na situação inicial da crônica?

3- **Quando e para quê** acontece?

4- Em que se baseou o modelo matemático apresentado pelo técnico?

5- Através de que recurso matemático os elaboradores do modelo chegaram à previsão feita para a próxima partida?

6- No final do 4.º parágrafo, o técnico diz “Portanto, não percam a calma. Esperem pelo segundo tempo. É **aí** que vamos ganhar.”

a) Que palavra indica uma conclusão? _____

b) O vocábulo **aí** (que indica um lugar) foi usado numa circunstância de tempo, para se referir a _____

7- Observe, no 5º parágrafo, o trecho “*Mas ciência é ciência*”. Que efeito de sentido tem esse tipo de definição? Trata-se de um fato ou de uma opinião dos jogadores?

8- Que expressão, no 6.º parágrafo, marca o momento em que a situação prevista começa a mudar?

9- A que se refere o termo “**o inesperado**”, que conclui o 6.º parágrafo?



sintoniajovem.org

10- Que consequências a ação do Fuinha teve para o modelo matemático e para o resultado final do jogo?

11- Que efeito de sentido tem a repetição, seguida das reticências, no trecho “E outro. E outro...” (7.º parágrafo)?

12- Transcreva do 4.º parágrafo o trecho que contém a orientação dada pelo técnico e que Fuinha desobedeceu, ao marcar o gol de empate logo após o primeiro gol do adversário. Destaque, no trecho, a palavra que indica uma conclusão.

13- Que explicação o jogador Fuinha deu para a sua atitude?

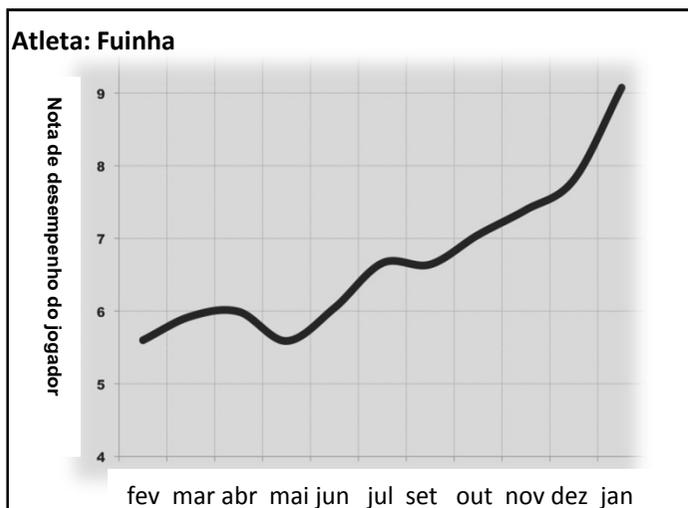
14- De acordo com o texto, que lição o técnico aprendeu com a conclusão a que chegou, no desfecho da crônica?

E você? Já sabe ler gráficos estatísticos? Vamos exercitar essa habilidade com um gráfico bem simples?

15- Um pouco antes da vitória histórica, elaboraram um quadro da evolução do Fuinha como jogador, desde que começou sua carreira no clube. Veja ao lado.

a) Com que média ele começou no clube? _____

b) Que média ele tinha antes da histórica partida?



c) Em que meses ele apresentou quedas de rendimento?

d) Em que mês não houve avaliação, pois o Fuinha esteve afastado por contusão? _____

e) A que nota você acredita que o Fuinha chegará, após essa vitória histórica?

16- Agora, a partir da leitura da crônica e com os elementos básicos da narrativa e do desenvolvimento do enredo que você identificou, preencha os quadros abaixo.

PERSONAGEM	TEMPO EM QUE OCORRE A NARRATIVA	ESPAÇO ONDE OCORRE A NARRATIVA	OS FATOS NARRADOS	NARRADOR
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

SITUAÇÃO INICIAL	COMPLICAÇÃO OU CONFLITO GERADOR	CLÍMAX	DESFECHO
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

Conheça mais sobre o gênero **Crônica**, visitando a **Educopédia**. Acesse http://www.educopedia.com.br/Cadastros/Atividade/Visualizar.aspx?pgn_id=49922&tipo=2&pgant=v



<http://www.multirio.rj.gov.br/>
MultiRio
 Acesse <http://www.youtube.com/watch?v=aVzkEpjvisQ>

A crônica especializada. O assunto é... futebol.

Os jornais, as revistas, os blogs são espaços de informação que trazem comumente **crônicas** sobre fatos ou assuntos do dia a dia, com reflexões críticas, bem humoradas, por vezes mais poéticas ou mais argumentativas, geralmente em linguagem leve, como uma conversa do cronista com os leitores. As crônicas a seguir são crônicas de opinião ou argumentativas, mas são mais especializadas, de um tipo conhecido como CRÔNICA ESPORTIVA.

Observe que são crônicas sobre o mesmo assunto, mas com diferentes temas.



Meu personagem da semana: Garrincha.

[...] Diante de cada jogada de Garrincha, eu experimentava a alegria que as obras-primas despertam.

E, no entanto, vejam vocês: – chamavam este homem de retardado! Só agora começamos a lhe fazer justiça e a perceber sua superioridade. Comparem o homem normal, tão lerdo, quase bovino em seus reflexos, com a instantaneidade triunfal de Garrincha. Todos nós dependemos do raciocínio. [...] Garrincha não pensa. Tudo, nele, se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto. E, por isso mesmo, chega sempre antes, sempre na frente, porque jamais o raciocínio do adversário terá a velocidade genial do seu instinto. (19/7/1958)

RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.



Crônica Esportiva - Futebol brasileiro sem futebol brasileiro

Após o término do jogo entre São Paulo e Atlético Paranaense, disputado pela Copa Sul-Americana 2008, refleti sobre o momento atual do nosso futebol. Pensei sozinho: “Onde será que anda o tal futebol arte brasileiro? Será que perdemos nossa maior característica que é a arte de jogar futebol com alegria? Onde estão os dribles maravilhosos e o improvisado, a criatividade brasileira que encantou o mundo inteiro até hoje?”

Zico, Pelé, Garrincha e tantos outros que ensinaram ao mundo uma forma diferente de se jogar bola, como uma diversão em que o sorriso sempre estava estampado no rosto, devem estar tristes vendo a atual situação.

Hoje, o futebol ficou pragmático. Jogadores, desde a base, parecem se preocupar mais em saber o que é um 3-5-2 do que dar um drible ou um lançamento bem feito. O resultado é esse que vemos por aí. Jogos sem graça, com pouca emoção e baixa qualidade técnica.

MARCELINHO SFC, 11 out. 2008. Disponível em: <overmundo.com.br>.



Futebol & literatura

Como o futebol, a literatura também é um jogo. E como jogo, tem suas regras. Você pode transgredir uma ou outra, mas não vai poder transgredir todas. O escritor inventa, dentro de certos limites, a começar pelos próprios limites da língua. Guimarães Rosa burlava algumas regras da gramática oficial, mas o que ele escrevia, claro, era português. Na verdade, ele criava uma espécie de gramática própria dentro da língua portuguesa, quer dizer, inventava um jogo – com as regras que ele mesmo foi criando e o leitor aceitou. (...)

E há algo que liga as regras do futebol às regras da literatura. São ambas da mesma natureza, digamos assim. São feitas para permitir a entrada do imponderável.

Agora, os poetas me expliquem: o que era aquele drible do Garrincha? (...) Como podia um drible ser tão inédito e tão familiar? Garrincha dominava – como Bandeira, como Drummond – a arte da simplicidade. Sabia que do simples podem brotar o sonho e a alegria.

CARNEIRO, Flávio. *Passe de letra: futebol e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.



Vamos, agora, ler separadamente cada um dos textos apresentados na página anterior e observar alguns elementos de cada uma dessas três crônicas esportivas.

Assunto - Futebol

Tema

Meu personagem da semana: Garrincha.

[...] Diante de cada jogada de Garrincha, eu experimentava a alegria que as obras-primas despertam. E, no entanto, vejam vocês: – chamavam este homem de retardado! Só agora começamos a lhe fazer justiça e a perceber sua superioridade. Comparem o homem normal, tão lerdo, quase bovino em seus reflexos, com a instantaneidade triunfal de Garrincha. Todos nós dependemos do raciocínio. [...] Garrincha não pensa. Tudo, nele, se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto. E, por isso mesmo, chega sempre antes, sempre na frente, porque jamais o raciocínio do adversário terá a velocidade genial do seu instinto. (19/7/1958)

Argumentos usados para convencer o leitor, numa conversa.

Personagem (conhecido no mundo esportivo)

O cronista observador “eu”.

Conversa com o leitor “vejam vocês”
Linguagem informal.



RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

1- No trecho “E, no entanto, vejam vocês: – chamavam este homem de retardado!”, a que se refere cada expressão sublinhada? _____

2- Que efeito de sentido tem o uso da expressão em destaque no trecho “tão lerdo, **quase bovino** em seus reflexos”?



Assunto - Futebol

Tema - O futebol brasileiro atual em comparação com o praticado no passado.

Título – dá pistas a respeito do assunto do texto.

O fato observado

Crônica Esportiva - Futebol brasileiro sem futebol brasileiro

Após o término do jogo entre São Paulo e Atlético Paranaense, disputado pela Copa Sul-Americana 2008, refleti sobre o momento atual do nosso futebol. Pensei sozinho: “Onde será que anda o tal futebol arte brasileiro? Será que perdemos nossa maior característica que é a arte de jogar futebol com alegria? Onde estão os dribles maravilhosos e o improviso, a criatividade brasileira que encantou o mundo inteiro até hoje?”.

O tema

Zico, Pelé, Garrincha e tantos outros que ensinaram ao mundo uma forma diferente de se jogar bola, como uma diversão em que o sorriso sempre estava estampado no rosto, devem estar tristes vendo a atual situação.

Argumentos

Hoje, o futebol ficou pragmático. Jogadores, desde a base, parecem se preocupar mais em saber o que é um 3-5-2 do que dar um drible ou um lançamento bem feito. O resultado é esse que vemos por aí. Jogos sem graça, com pouca emoção e baixa qualidade técnica.

Cronista observador
“Pensei sozinho”

Argumento 1 - O futebol no passado (exemplos do passado).

Argumento 2 - O futebol atual (o cronista volta ao fato inicial abordado).

MARCELINHO SFC, 11 out. 2008. Disponível em: <overmundo.com.br>.

1- Transcreva do 1.º parágrafo os termos que indicam circunstância de tempo.

2- Que efeito de sentido tem a repetição de interrogações no 1.º parágrafo?

3- Que personalidades do futebol brasileiro são citadas como exemplos da criatividade que encantou o mundo inteiro?

4- De acordo com o contexto da crônica, que significado tem a palavra “pragmático”, usada no início do último parágrafo?

5- No último parágrafo, a palavra que indica a circunstância de tempo é _____.

Futebol & literatura

Como o futebol, a literatura também é um jogo. E como jogo, tem suas regras. Você pode transgredir uma ou outra, mas não vai poder transgredir todas. O escritor inventa, dentro de certos limites, a começar pelos próprios limites da língua. Guimarães Rosa burlava algumas regras da gramática oficial, mas o que ele escrevia, claro, era português. Na verdade, ele criava uma espécie de gramática própria dentro da língua portuguesa, quer dizer, inventava um jogo – com as regras que ele mesmo foi criando e o leitor aceitou. (...)

E há algo que liga as regras do futebol às regras da literatura. São ambas da mesma natureza, digamos assim. São feitas para permitir a entrada do imponderável.

Agora, os poetas me expliquem: o que era aquele drible do Garrincha? (...) Como podia um drible ser tão inédito e tão familiar? Garrincha dominava – como Bandeira, como Drummond – a arte da simplicidade. Sabia que do simples podem brotar o sonho e a alegria.

CARNEIRO, Flávio. *Passe de letra: futebol e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Glossário:

burlava – enganava, lograva.

imponderável – extraordinário, o que excede, o que foge dos parâmetros, o que não se pode avaliar. transgredir – exceder, desobedecer a, infringir, desobedecer.

Título – dá pistas a respeito do assunto do texto.

Observe na crônica

- o ponto de vista subjetivo, a opinião do cronista
- a linguagem informal
- a relação feita entre regras do jogo de futebol e a arte de escrever.

Assunto – Futebol e literatura

Tema – Arte e jogo na literatura e no futebol.

1- No 1.º parágrafo, que personalidade é apresentada como exemplo para defender o ponto de vista de que a literatura, como o futebol, segue regras que não impedem a invenção, a criatividade? _____

2- O que determina limites no uso da Língua Portuguesa? _____

3- De acordo com o 2.º parágrafo, o que une, em uma relação de semelhança, as regras do futebol e as da literatura? _____

4- A que se refere, no 2.º parágrafo, a palavra “algo”? _____

5- Que comparação o cronista utiliza, no último parágrafo, para relacionar literatura e futebol? O que, na opinião do cronista, as pessoas comparadas apresentam em comum? _____

ASSUNTO X TEMA

Em um texto, é fácil distinguir o que seja assunto do que seja tema. Vejamos.

Assunto é o aspecto mais geral do que é tratado, é o que se desdobra em temas.

Tema é o foco, a especificação do assunto.

Educação, por exemplo, é um **assunto**. A influência da Internet na educação do adolescente é um **tema**.

Você vai ler a seguir outra crônica narrativa. Observe, com atenção, os elementos básicos da narrativa e como se dá o desenvolvimento do enredo. Observe ainda como a cronista faz uso dos recursos expressivos dos sinais de pontuação, principalmente na fala dos personagens.

Atenção: A leitura expressiva dos textos, respeitando o ritmo e a entonação adequada, sinalizados pela pontuação, ajuda-nos muito a entender um texto e a ter maior prazer com o ato de ler. Que tal ler em voz alta com os colegas e com o Professor?

ENTÃO, ADEUS!

Lygia Fagundes Telles

Isto aconteceu na Bahia, numa tarde em que eu visitava a mais antiga e arruinada igreja que encontrei por lá, perdida na última rua do último bairro. Aproximou-se de mim um padre velhinho, mas tão velhinho, tão velhinho que mais parecia feito de cinza, de teia, de bruma, de sopro do que de carne e osso. Aproximou-se e tocou o meu ombro:

– Vejo que aprecia essas imagens antigas – sussurrou-me com sua voz débil. E descerrando os lábios murchos num sorriso amável: – Tenho na sacristia algumas preciosidades. Quer vê-las?

Continua ►

Solícito e trêmulo, foi-me mostrando os pequenos tesouros da sua igreja [...] Mostrou-me todas as raridades, tão velhas e tão gastas quanto ele próprio. Em seguida, desvanecido com o interesse que demonstrei por tudo, acompanhou-me cheio de gratidão até a porta.

– Volte sempre – pediu-me.

– Impossível – eu disse. – Não moro aqui, mas, em todo o caso, quem sabe um dia... – acrescentei sem nenhuma esperança.

– E então, até logo! – ele murmurou descerrando os lábios num sorriso que me pareceu melancólico como o destroço de um naufrágio.

Olhei-o. Sob a luz azulada do crepúsculo, aquela face branca e transparente era de tamanha fragilidade, que cheguei a me comover. Até logo?... “Então, adeus!”, ele deveria ter dito. Eu ia embarcar para o Rio no dia seguinte e não tinha nenhuma ideia de voltar tão cedo à Bahia. E mesmo que voltasse, encontraria ainda de pé aquela igrejinha arruinada que achei por acaso em meio das minhas andanças? E mesmo que desse de novo com ela, encontraria vivo aquele ser tão velhinho que mais parecia um antigo morto esquecido de partir?!...

Ouça, leitor: tenho poucas certezas nesta incerta vida, tão poucas que poderia enumerá-las nesta breve linha. Porém, uma certeza eu tive naquele instante, a mais absoluta das certezas: “Jamais o verei.” Apertei-lhe a mão, que tinha a mesma frialdade seca da morte.

– Até logo! – eu disse cheia de enternecimento pelo seu ingênuo otimismo.

Afastei-me e de longe ainda o vi, imóvel no topo da escadaria. A brisa agitava-lhe os cabelos ralos e murchos como uma chama prestes a extinguir-se. “Então, adeus!”, pensei comovida ao acenar-lhe pela última vez. “Adeus.”

Continua ►

Nesta mesma noite houve o clássico jantar de despedida em casa de um casal amigo. E, em meio de um grupo, eu já me encaminhava para a mesa, quando de repente alguém tocou o meu ombro, um toque muito leve, mais parecia o roçar de uma folha seca.

Voltei-me. Diante de mim, o padre velhinho sorria.

– Boa noite!

Fiquei muda. Ali estava aquele de quem horas antes eu me despedira para sempre.

– Que coincidência... – balbuciei afinal. Foi a única banalidade que me ocorreu dizer. – Eu não esperava vê-lo tão cedo.

Ele sorria, sorria sempre. E desta vez achei que aquele sorriso era mais malicioso do que melancólico. Era como se ele tivesse adivinhado meu pensamento quando nos despedimos na igreja e agora, então, de um certo modo desafiante, estivesse a divertir-se com a minha surpresa. “Eu não disse *até logo*?” os olhinhos enevoados pareciam perguntar com ironia.

[...]

Meu vizinho da esquerda quis saber entre duas garfadas:

– Então a senhora vai mesmo nos deixar amanhã?

Olhei para a bolsa que tinha no regaço e dentro da qual já estava minha passagem de volta com a data do dia seguinte. E sorri para o velhinho lá na ponta da mesa.

– Ah, não sei... Antes eu sabia, mas agora já não sei.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

1- Em vários trechos, ao longo de toda a crônica, a narradora descreve, com traços físicos e de personalidade, o personagem do padre. Com base nesses trechos, caracterize o padre.

2- No 1.º parágrafo, a que se refere a palavra em destaque, no trecho “a mais antiga e arruinada igreja que encontrei por **lá**”?

3- Em que parágrafo o narrador se dirige diretamente ao leitor da crônica?

4- Observe, com atenção, a pontuação em “*E mesmo que desse de novo com ela, encontraria vivo aquele ser tão velhinho que mais parecia um antigo morto esquecido de partir ?!...*”, no final do 7.º parágrafo da crônica.

Explique o efeito de sentido do uso simultâneo de três sinais: ?!...

5- No 16.º parágrafo, ao reencontrar a mulher, o velho padre lhe diz, em tom de pergunta e com certa malícia, “Eu não disse *até logo*?”.

a) A que momento da história ele se refere?

b) Com que sentido ele diz isso, destacando com a voz a expressão “*até logo*”?

6- No parágrafo final, “– Ah, não sei... **Antes** eu sabia, mas **agora** já não sei.”, a que tempos o narrador se refere com as palavras em destaque?

7- Na resposta que a personagem dá ao padre, no desfecho da crônica, o que se pode entender sobre o seu final?

8- Localize, na crônica de Lygia Fagundes Telles **Então, adeus!**, os elementos básicos da narrativa. Com eles, complete o quadro abaixo.

PERSONAGEM	TEMPO EM QUE OCORRE A NARRATIVA	ESPAÇO ONDE OCORRE A NARRATIVA	OS FATOS NARRADOS	NARRADOR
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

9- Complete o quadro seguinte, de acordo com o desenvolvimento do enredo da crônica lida.

SITUAÇÃO INICIAL	COMPLICAÇÃO OU CONFLITO GERADOR	CLÍMAX	DESFECHO
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

ENTREVISTA

Lygia Fagundes Telles

José Castello

• *Como você se sente como autora de crônicas? Você considera a crônica um gênero menor?*

LYGIA FAGUNDES TELLES:

Não existe gênero menor, existem escritores menores. Rubem Braga, Carlos Drummond, Clarice Lispector foram grandes cronistas. E não é fácil ser cronista, tem de ter inspiração, uma palavra que saiu da moda, mas em que eu acredito muito. O que é a inspiração? É uma transformação no interior do ser, como se fosse um novo ser que surge no interior do velho. Não só os cronistas, mas também os romancistas precisam de inspiração. Clarice reclamava que a palavra inspiração tinha saído da moda e dizia que isso era muito perigoso. A experiência da inspiração é uma experiência delicada, mas decisiva. De repente, você olha para algo e recebe aquela mensagem misteriosa. Pode ser um ser vivo, pode ser um objeto, ou uma paisagem. Você olha e inspira. Você inspira o objeto e, quando depois o expira, vem a criação literária.

Você leu até aqui algumas crônicas narrativas, escritas a partir de notícias e de situações do dia a dia. Leu também crônicas sobre a arte de escrever crônica, uma crônica sobre a importância do contexto para o entendimento de textos e de situações cotidianas...

Leia, agora, o trecho da entrevista com uma grande cronista sobre a inspiração para escrever crônicas.

Uma das mais importantes escritoras de nossa literatura, nasceu em São Paulo, em 1923. Membro da Academia Brasileira de Letras e ganhadora do Prêmio Camões de Literatura, em 2005. Entre outras obras, suas, destacam-se: ***As meninas*** e ***Ciranda de pedra*** (romances); e ***Antes do baile verde***, ***A disciplina do amor*** e ***O segredo e outras histórias de descoberta*** (contos).



streamyell.com.br

CASTELLO, José. Entrevista Lygia Fagundes Telles. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 15 out. 2011. *Prosa e Verso*.



1- De acordo com a entrevistada, o que não pode faltar a um cronista?

2- A cronista afirma que inspiração é uma palavra que saiu de moda. Isso é um fato ou uma opinião dela?

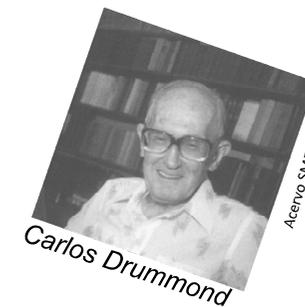
3- Transcreva da resposta da entrevistada como ela define o que seja inspiração.

4- Que exemplos ela cita como tendo sido grandes cronistas?

5- Para a entrevistada, o que pode transmitir a um cronista a mensagem misteriosa da inspiração para escrever uma crônica?

6- Observe o trecho final da resposta; “Você olha e inspira. Você **inspira** o objeto e, quando depois o **expira**, vem a criação literária.”

Com que sentido foram usadas as palavras em destaque?



*Prepare-se. Na próxima página, você vai se inspirar...
e vai ser o cronista ou a cronista!*

PRODUÇÃO DE *Texto*

Releia as crônicas aqui apresentadas, leia outras crônicas, volte aos quadros com os elementos característicos da **crônica narrativa** e dos contos, porque **AGORA, VOCÊ VAI SER O(A) CRONISTA!**

Você vai, como disse Lygia Fagundes Telles na entrevista, olhar para algo e se inspirar. Escolha seu objeto de inspiração entre aquilo que o/a rodeia e crie uma história. Pode ser uma foto ou uma notícia de jornal, como nos exemplos abaixo. Pode ser sobre o seu dia a dia, o dia a dia de seu bairro; sobre um fato interessante que você tenha presenciado ou de que tenha tomado conhecimento. Lembre-se: a linguagem é simples, informal, como em uma conversa com o leitor.

Inspire-se, planeje, rascunhe, corrija, escreva e reescreva... até chegar à forma final.

Copie a forma final de sua crônica na página seguinte ou em uma folha à parte e combine com seu Professor para afixá-la no mural de sua turma. Pode, se desejar, convidar um colega para escrever junto com você. **Lembre-se de dar título à sua crônica.**

VEJA EXEMPLOS DE NOTÍCIAS/SITUAÇÕES QUE PODEM INSPIRAR UMA CRÔNICA.

Viciados em internet passam cada vez mais tempo vivendo virtualmente
(globo.com/jornal-hoje)



globoesporte.globo.com

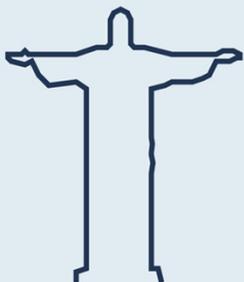
Leitura de livros reduzirá pena de presos em cadeias federais (zerohora.clicrbs.com.br 22/06/2012)



PAIVA, Miguel. O GLOBO. 9 dez.. 2011.



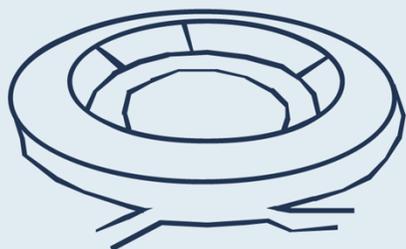
Pão de Açúcar



Cristo Redentor



Hangar do Zeppelin



Maracanã

Dicas de estudo

- Tenha um espaço próprio para estudar.
- O material deve estar em ordem, antes e depois das tarefas.
- Escolha um lugar para guardar o material adequadamente.
- Brinque, dance, jogue, pratique esporte... Movimente-se! Escolha hábitos saudáveis.
- Estabeleça horário para seus estudos.
- Colabore e auxilie seus colegas em suas dúvidas. Você também vai precisar deles.
- Crie o hábito de estudar todos os dias.
- Consulte o dicionário sempre que precisar.
- Participe das atividades propostas por sua escola.
- Esteja presente às aulas. A sequência e a continuidade do estudo são fundamentais para a sua aprendizagem.
- Tire suas dúvidas com o seu Professor ou mesmo com um colega.
- Respeite a si mesmo, a todos, a escola, a natureza... Invista em seu próprio desenvolvimento.

Valorize-se! Você é um estudante da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Ao usar seu uniforme, lembre-se de que existem muitas pessoas, principalmente seus familiares, trabalhando para que você se torne um aluno autônomo, crítico e solidário. Acreditamos em você!